

## SIGNIFICAÇÃO: A ELABORAÇÃO DE UMA NOÇÃO SAUSSURIANA NO CLG

Allana Cristina Moreira Marques  
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)  
lanacrismm@yahoo.com.br

**Resumo:** Este trabalho propõe-se a investigar a elaboração da noção saussuriana de significação no Curso de Linguística Geral (CLG). Essa noção é apresentada no CLG no capítulo IV da Segunda Parte, capítulo em que a teoria do valor é elaborada. Parece consenso por parte daqueles que se dedicam a investigações sobre a produção teórica de Saussure que a teoria do valor linguístico ocupa lugar central nas elaborações saussurianas. Pensando a importância da noção de significação no desenvolvimento da teoria do valor, uma vez que, ao postular sobre o valor, Saussure o define, principalmente, por sua distinção da noção de significação, propomos uma investigação dessa noção no CLG, no intuito de mostrarmos como a elaboração dessa noção se dá. A nosso ver, o termo *significação* aparece no capítulo do valor linguístico com significados distintos, o que ocasiona certa dificuldade no entendimento da noção proposta pelo autor. Assim, Saussure utiliza o termo tanto para significar “conceito” como também para significar a relação que ocorre no interior do signo. Com vistas a uma melhor compreensão do que seja *significação*, levantaremos as ocorrências desse termo no capítulo em questão buscando um possível sentido para cada uma delas. Acreditamos que, como isso, teremos um maior esclarecimento da noção de significação, tão importante para o entendimento do valor linguístico que é, por sua vez, peça fundamental da teoria saussuriana.

**Palavras-chave:** Significação, Valor Linguístico, Curso de Linguística Geral, Ferdinand de Saussure.

### 1 Introdução

Os estudos desenvolvidos por Ferdinand de Saussure são responsáveis por uma guinada no campo dos estudos linguísticos. Suas elaborações marcam o início de uma nova era, fundam o que anos depois se denominou Linguística Moderna. Inconformado com o modo que até então os diversos campos do saber lidavam com a língua, isto é, estudando-a em função de outros objetivos e não por ela mesma, Saussure rompe com esse modo de investigação ao propor uma nova concepção de língua e ao propô-la como objeto de estudos da Linguística por excelência. Ao se perguntar sobre a natureza e o funcionamento da língua, Saussure elabora noções e conceitos, que são ainda hoje tidos como fundamentais da Linguística, sendo, por vezes, deslocados para outros campos de estudo para o entendimento de diferentes questões. Dentre os conceitos postulados por ele, destacam-se com frequência as noções de língua e fala; significado e significante; arbitrariedade e linearidade; mutabilidade e imutabilidade; relações associativas e sintagmáticas; valor e significação; noções, por vezes, lidas apenas de modo a

evidenciar uma dicotomia entre elas, mas que, ao contrário, se ligam umas as outras em uma relação de dependência, sendo, portanto, difícil considerá-las isoladamente.

Para o presente estudo, interessa-nos, em especial, a noção de significação que é elaborada pelo linguista em paralelo ao conceito de valor no capítulo IV do CLG denominado “O Valor Linguístico”. Nesse capítulo, podemos observar que à medida que Saussure desenvolve o conceito de valor linguístico ele desenvolve simultaneamente a noção de significação a partir de uma diferenciação estabelecida entre eles. Desse modo, o entendimento do valor linguístico está intimamente ligado ao entendimento do que seja significação. Entretanto, ao nos debruçarmos sobre a noção de significação no capítulo em questão, no intuito de melhor compreendê-la, é possível identificar uma flutuação conceitual ocasionada pelo uso do termo, que, por vezes, é atribuído a sentidos diferentes ao longo de toda a explicação teórica. Tendo em vista a importância da noção de significação para o entendimento da teoria do valor, buscaremos investigar de modo mais preciso a questão da significação no capítulo dedicado ao valor linguístico no CLG. Assim, nosso estudo se dedicará a uma apresentação da flutuação conceitual que ocorre em torno do termo *significação* e, em seguida, apresentaremos um possível entendimento para cada um das ocorrências do termo.

## 2 O Curso de Linguística Geral

A produção teórica de Ferdinand de Saussure se tornou conhecida a partir da publicação póstuma do *Curso de Linguística Geral* (CLG) em 1916, primeiro na França e países vizinhos e, posteriormente, a partir de suas traduções, em todo o mundo. Essa obra foi organizada por Charles Bally e Albert Sechehaye, que contaram com a colaboração de Albert Riedlinger. Os organizadores da obra utilizaram para a sua produção as notas preparatórias de Saussure para os Cursos de Linguística Geral, ministrados por Saussure na Universidade de Genebra entre os anos 1907 e 1911, e as anotações de alguns dos alunos participantes dos cursos. Foi a partir dessa obra, cuja autoria é atribuída ao próprio Ferdinand de Saussure, que novas noções, conceitos e teorias do linguista passaram a influenciar as investigações desenvolvidas por inúmeros estudiosos e pesquisadores em todo o mundo.

Por se tratar de uma obra póstuma, organizada pelos discípulos de Saussure, por vezes, o CLG tem sido alvo de críticas e acusações que colocam sua credibilidade em

questão. Há aqueles que afirmam, por exemplo, que os editores são responsáveis por uma desconfiguração do pensamento de Saussure, ou ainda, de forma mais rígida, caracterizam o CLG como obra “apócrifa” ou “vulgata”. Tais críticas, certamente, desconsideram o importante papel da publicação do CLG. Não se pode negar que se o CLG não fosse publicado dificilmente os estudos de Saussure seriam amplamente divulgados em diferentes países como se sucedeu. Para Silveira (2007), a obra organizada pelos discípulos de Saussure é de capital importância na fundação da Linguística por seu caráter de ruptura. Sob o ponto de vista da autora, mesmo que os laços internos do pensamento de Saussure se perdem nesse processo de edição,

(...) se o CLG cumpriu a sua função na fundação da linguística geral é porque, embora tenha havido a edição, essa não apagou os efeitos do trabalho de Saussure ao constituir um saber novo sobre a língua (SILVEIRA, 2007, p. 28).

Há hoje uma gama de estudos que investigam a produção teórica de Saussure com base nos manuscritos do mestre. Para muitos, o acesso direto as palavras de Saussure seria suficiente na busca pelo “verdadeiro” Saussure. Entretanto, frente à quantidade de manuscritos e à complexidade no trato deles, essa esperança parece comprometida. Sobre a descoberta dos manuscritos de Saussure em Genebra de 1996, Depecker (2012) afirma que:

Estamos então às voltas com o enigma do “verdadeiro” Saussure. De fato, a leitura do conjunto desses manuscritos lança a dúvida. Dúvida sobre a compreensão que podíamos ter sobre o pensamento de Saussure. Dúvida sobre a exata compreensão dos conceitos que ele elaborou. Dúvida sobre o alcance de seu pensamento. Dúvida sobre o projeto que ele perseguiu até o final de sua vida. Dúvida, finalmente, sobre o que podemos reter de seu verdadeiro pensamento (DEPECKER, 2012, p. 21-22).

Para Silveira (2007), para além de uma possibilidade de encontro de um “verdadeiro” Saussure, os manuscritos nos possibilitam “uma outra via de abordagem da edição” (p.34). Assim, “(...) os manuscritos de Saussure não teria a função de restabelecer o *verdadeiro* Saussure, mas de ser uma possibilidade de ler Saussure” (p.36). Partindo disso, entendemos que a descoberta dos manuscritos não anula a importância do CLG, considerando que ele é, sem dúvidas, o principal ponto de partida para as investigações da produção teórica de Saussure. Nesse sentido, esse trabalho se

dedicou à investigação do conceito de significação no CLG por considerar que ele é uma importante via para os estudos saussurianos.

### 3 O Capítulo do valor linguístico

Parece consenso no campo dos estudos da produção teórica de Ferdinand de Saussure que a teoria do valor postulada por ele é peça fundamental de toda sua elaboração. Em um estudo sobre o lugar dessa teoria no CLG, Silveira (2009, p. 49-50) afirma a sua fundamental importância para um novo modo de conceber a língua em relação ao pensamento, que rompe com o modelo representacionista vigente até então.

(...) uma afirmação sobre a não dependência da língua em relação ao pensamento jamais seria *per se* suficiente para que tal tradição vacilasse ou mesmo caísse. Parece-nos que Saussure fez algo mais nesse sentido, não negou a relação entre língua e pensamento, mas propôs uma teoria para a língua que modificava a sua relação com o pensamento, permitindo um outro lugar para essa relação (SILVEIRA, 2009, p. 49).

Normand (2009) afirma que ao propor um novo entendimento para “o que é língua”, “Saussure inaugurou o que é geralmente reconhecido como uma mudança radical no campo da linguística de seu tempo” (p. 34). Essa mudança se deve ao fato de que Saussure suscitou e redirecionou uma antiga questão filosófica, a da origem da linguagem, tomando um posicionamento epistemológico. Para o genebrino, não cabe ao linguista se questionar a origem da linguagem, nem por que há linguagem. Ele desenvolve “uma verdadeira teoria da língua, livre das trivialidades da linguagem” (p.29). Ainda segundo a autora, a tradição gramatical se fundou com base nas reflexões advindas da teologia e da filosofia, que entendiam que “o funcionamento do pensamento governa o da linguagem” (NORMAND, 2009, p. 40). Já a gramática comparada e a linguística histórica sequer colocaram em questão a relação língua-pensamento. Ao propor a língua como “um sistema que conhece somente sua ordem própria” (SAUSSURE, 2012, p. 55), Saussure rompe com o entendimento tradicional filosófico de língua como representação do pensamento.

Para Silveira (2009), é, pois, o capítulo do valor linguístico que sustenta esse novo entendimento da língua, pois “Essa elaboração teórica implica em tomarmos a língua em seu funcionamento específico sem submetê-la a função de representação do

pensamento” (p. 50). Para Saussure (2012), “nosso pensamento não passa de uma massa amorfa e indistinta” (p.158); “o pensamento é como uma nebulosa em que nada está necessariamente delimitado” (p.158); “Não existem ideias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua” (p.158). Por meio tais afirmações, Saussure inviabiliza a possibilidade de o pensamento ter uma ordem própria e a língua ser apenas sua representante, como sugeria a tradição filosófica. Assim, no capítulo do valor, a língua é entendida como um domínio de articulações, em que uma série de subdivisões do plano das ideias se articula sobre uma série de subdivisões no plano dos sons, unindo, assim, uma ideia a um som. Tal união é responsável por criar um signo, que deverá ser entendido a partir das relações que ele estabelece com os demais signos do sistema ao qual pertence.

Para uma compreensão do valor do signo, em primeiro lugar ele é tratado sob seu aspecto conceitual, posteriormente, sob seu aspecto material e, por fim, trata-se do signo em sua totalidade. É principalmente no tópico em que se trata o valor sob seu aspecto conceitual que, em meio a uma variação terminológica, a noção de significação vai sendo elaborada. Assim, a fim de investigarmos de modo mais preciso essa noção, passaremos, a seguir, a um trabalho de análise dos trechos em que esse termo aparece.

#### **4 A significação e suas diferentes atribuições no capítulo do valor**

Ao introduzir a língua como um sistema de signo, Saussure (2012), define o conceito de valor linguístico a partir de sua diferenciação do que se entende por significação, de modo que o entendimento de valor está intimamente ligado ao entendimento de significação. Por isso, são recorrentes, ao longo desse capítulo, as ocorrências do termo *significação*. Entretanto, em um olhar mais atento a essas ocorrências, percebemos que seus significados são distintos, ora significando uma noção, ora outra.

Em análise as notas do caderno de Emile Constantin, aluno de Saussure, cujas notas não foram utilizadas pelos editores do CLG, mas que foram publicadas em 1993 por Komatsu e Harris, que correspondem ao capítulo analisado nesse trabalho, Sofia (2009), nos diz que: “Les termes, même ceux que l’on croirait primordiaux sont utilisés dans des sens variés, voire contradictoires, parfois dans l’espace de deux ligne”(p. 15)<sup>1</sup>. É

---

<sup>1</sup> “Os termos, mesmo aqueles que acreditamos serem essenciais, são utilizados em significados variados, até contraditórios, por vezes no espaço de duas linhas” (Tradução nossa).

o que acontece também no CLG. Mas, como ele, acreditamos que “Il est vrai qu’il existe des variations, mais celles-ci sont (aisément) explicables d’après le contexte” (p.16)<sup>2</sup>. Partindo disso, nós propomos, então, a apresentar um possível entendimento para cada ocorrência do termo *significação* no capítulo IV da Segunda Parte do CLG.

Assim, para uma melhor exposição de como o termo *significação* é utilizado em sentidos diferentes, apresentaremos cada trecho em que o termo aparece, seguido de uma análise na qual buscamos estabelecer um possível entendimento para termo.

### Trecho 1

Quando se fala do valor de uma palavra, pensa-se geralmente, e antes de tudo, na propriedade que tem de representar uma ideia, e nisso está, com efeito, um dos aspectos do valor linguístico. Mas se assim é, em que difere o valor do que se chama *significação*? Essas duas palavras serão sinônimas? Não o acreditamos, se bem que a confusão seja fácil, visto ser provocada menos pela analogia dos termos do que pela delicadeza da distinção que eles assinalam (SAUSSURE, 2012, p. 160, grifo do autor).

Nesse excerto, vemos que Saussure, embora não defina de modo claro o que é a *significação*, distingue de antemão essa noção do valor linguístico, alertando seus alunos quanto à delicadeza da questão que essa distinção impõe. Desse modo, o linguista nos alerta, em um primeiro momento, para o fato de que o valor e *significação* não podem ser tomados como palavras sinônimas. Entendemos, portanto, valor e *significação* exprimem ideias distintas.

### Trecho 2

O valor, tomado em seu aspecto conceitual, constitui, sem dúvida, um elemento da **significação**, e é difícil saber como esta se distingue dele, apesar de estar sob sua dependência (p.161, grifo nosso).

A nosso ver, o entendimento do que seja *significação* nesse ponto do capítulo parece ainda obscuro, pois ainda não se tem uma definição consistente do que é valor. Do mesmo modo, essa relação de dependência mencionada é pouco clara, não sendo possível afirmar se é o valor que está sob dependência da *significação* ou se é a *significação* que está sob dependência do valor. Entretanto, temos que o valor é

---

<sup>2</sup> “É verdade que existem essas variações, mas essas são (facilmente) explicáveis no contexto” (Tradução nossa).

elemento da significação. Nesse sentido, nos parece que significação está sob dependência do valor. Essa dependência entre o valor e a significação é tratada no decorrer do capítulo, que será apresentada a seguir.

### Trecho 3



Figura 1 – Representação da significação, p. 161.

Tomemos, inicialmente, a **significação** tal como se costuma representá-la e tal como nós a representamos na p. 107 *s.* Ela não é, como indicam as flechas da figura, mais que a contraparte da imagem auditiva (SAUSSURE, 2012, p. 107, grifo nosso).

Nesse trecho temos uma primeira definição do que é significação, temos que ela não é mais do que a contraparte da imagem auditiva. Nesse sentido, a significação é entendida como sendo o “conceito”, visto ser ele a contraparte da imagem auditiva. É nesse ponto do capítulo que temos, então, um primeiro sentido para significação<sup>3</sup>, a que chamaremos de S1<sup>4</sup>. Assim, podemos entender essa ocorrência do termo ainda como “significado”, tendo em vista a substituição dada no capítulo da “Natureza do signo linguístico” de “conceito” por “significado” e “imagem acústica” por “significante”<sup>5</sup>.

### Trecho 4

Visto ser a língua um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta somente da presença simultânea de outros, segundo o esquema:



como acontece de o valor, assim definido, se confunda com a **significação**, vale dizer, com a contraparte da imagem auditiva? Parece impossível assimilar as relações aqui representadas pelas

<sup>3</sup> Embora o termo *significação* apareça em trechos anteriores a esse, acreditamos que somente no terceiro trecho temos uma definição mais clara do termo. Isso porque o entendimento do que seja significação nos trechos anteriores só é possível após a leitura dos trechos que se seguem.

<sup>4</sup> Utilizaremos a seguinte terminologia para nos reportarmos aos diferentes sentidos do termo significação no CLG: S, para sentido, e um número, que represente do sentido utilizado, por exemplo, S1, S2, S3, etc.

<sup>5</sup> Essa diferenciação pode ser verificada na citação feita na conclusão.

flechas horizontais com aquelas representadas mais anteriormente por flechas verticais. Dito de outro modo – para retomar a comparação da folha de papel que se corta (p. 159) – não vemos por que a relação observada entre diversas porções A, B, C, D, etc. há de ser distinta da que existe entre o anverso e o verso de uma mesma porção, seja A/A', B/B' etc. (SAUSSURE, 2012, p. 161-162, grifo nosso).

Nessa parte, vê-se que a primeira referência à significação é a mesma que S1, portanto, é entendida como a contraparte da imagem auditiva. Entretanto, em seguida, vê-se uma tentativa de diferenciação entre significação e valor, e, posteriormente, coloca-se “Parece impossível assimilar as relações aqui representadas pelas flechas horizontais”, isto é, o valor linguístico “com aquelas representadas mais anteriormente por flechas verticais”, isto é, a significação, referenciando as flechas da Figura 1. Assim, é possível perceber que a significação é entendida nesse ponto como sendo a relação, representada pelas flechas verticais da figura 1, que ocorre, portanto, entre o significante e o significado. Desse modo, compreende-se que, enquanto o valor representa a relação que ocorre entre os signos de uma língua, a significação é a relação que ocorre no interior do signo entre as partes que o constitui. Chamaremos essa atribuição do termo de S2.

É importante identificar uma nova problemática que esse trecho nos apresenta, pois, se, em um primeiro momento, Saussure se questiona como poderá o valor se confundir com a significação, em um segundo momento, ele afirma que “não vemos por que a relação observada entre diversas porções A, B, C, D, etc.”, isto é, o valor, “há de ser distinta da que existe entre o anverso e o verso de uma mesma porção, seja A/A', B/B' etc.”, isto é a significação.

### Trecho 5

Seu valor [da palavra] não estará então fixado, enquanto nos limitarmos a comprovar que pode ser “trocada” por este ou aquele conceito, isto é, que tem esta ou aquela **significação**; falta ainda compará-la com os valores semelhantes, com as palavras que se lhe podem opor. Seu conteúdo só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dela. Fazendo parte de um sistema, está revestida não só de uma **significação**, como também, e sobretudo, de um valor, e isso é coisa muito diferente (SAUSSURE, 2012, p. 162, grifos nossos).

Nesse trecho, Saussure explica o princípio paradoxal dos valores que diz respeito ao fato de que todo valor ser constituído por uma coisa dessemelhante, que

pode ser trocada, e por coisas semelhantes com as quais o valor que está em causa poder comparado. Assim, temos que a primeira referência à significação no trecho 5 diz respeito ao fato de uma palavra poder ser trocada por um conceito. Nesse sentido, nessa primeira ocorrência, a significação deve ser entendida como conceito. Em seguida, Saussure explica o fato de os valores poderem ser comparados com outros valores, afirmando que o conteúdo de uma palavra só é determinado pelo o que está fora dela e isso é muito diferente ser revestida de uma significação. Assim, entendemos que a segunda ocorrência também é usada no sentido de “conceito”, no intuito de diferenciar o primeiro elemento que constitui o valor, isto é, a coisa dessemelhante, do segundo elemento, isto é, as coisas semelhantes.

### Trecho 6

Alguns exemplos mostrarão que é de fato assim. O português *carneiro* ou o francês *mouton* podem ter a mesma **significação** que o inglês *sheep*, mas não o mesmo valor (...) (p. 162, grifo nosso).

Nesse trecho, o entendimento de significação nos aparece ser atribuído ao sentido de “conceito”, “significado”, isto é, S1. Porque, embora essas palavras *carneiro*, *mouton* e *sheep* possam remeter a uma mesma ideia, isto é, mesmo que haja a possibilidade de três significantes distintos se relacionarem a um mesmo significado, eles não terão necessariamente o mesmo valor, por pertencerem a sistemas linguísticos distintos.

### Trecho 7

(...) Assim o valor de um plural português ou francês não corresponde ao de um plural sânscrito, mesmo que a **significação** seja muitas vezes idêntica (...) (p. 163, grifo nosso);

Ao apontar como o valor de um signo é determinado pelo o que o rodeia e, nesse sentido, seu valor resulta das relações estabelecidas entre os outros signos do sistema ao qual pertence, Saussure aponta como o plural, por exemplo, pode ter a mesma significação, mas não o mesmo valor. Acreditamos que significação deve ser entendida nessa passagem no sentido do senso comum, não como “significado”, este sendo a contraparte do significante, isto é, S1, e nem como a relação estabelecida no interior do signo, S2. Isso porque, tomando a afirmação em análise, entendemos que o plural, tanto

em Português, como em Francês e Sânscrito, possui um mesmo sentido, é atribuído a uma mesma função, pois, em todas elas, o plural é uma flexão gramatical que marca o número. Porém, embora o plural nessas três línguas possua a mesma significação, ele não possui o mesmo valor, pois cada língua tem formas distintas de marcar o plural. Enquanto que no Português temos dois números, o singular e o plural, o sânscrito possui, como exemplifica o linguista, três números ao invés de dois.

### Trecho 8

Vê-se agora a interpretação real do esquema do signo. Assim:



quer dizer que em português um conceito “julgar” **está unido** à imagem acústica *julgar*; em poucas palavras, simboliza a **significação**; mas, bem entendido, esse conceito nada tem de inicial, não é senão um valor determinado por suas relações com outros valores semelhantes, e sem eles a **significação** não existiria. Quando afirmo simplesmente que uma palavra significa alguma coisa, quando me atenho à associação da imagem acústica com o conceito, faço uma operação que pode, em certa medida, ser exata e dar uma ideia da realidade; mas em nenhum caso exprime o fato linguístico na sua essência e na sua amplitude (SAUSSURE, 2012, p. 164).

A primeira atribuição ao termo *significação* no trecho 9 marca fortemente o S2, o fato de o conceito estar ligado à uma determinada imagem acústica representa a *significação*. A segunda atribuição nos traz algo novo. Entendemos que ela está também no S2, mas sua relação com a noção de valor é outra. Isso porque se retornarmos ao trecho 2, discutido anteriormente, vemos que há uma relação de dependência entre valor e *significação*, mas a partir desse trecho não é possível delimitar com certeza como essa relação se dá, isto é, se é o valor que está sob dependência da *significação* ou o contrário; mesmo que o valor é dado como elemento da *significação*, o que nos possibilita entender, então, que a *significação* depende do valor. No trecho 9, nos parece claro, ao contrário do trecho 2, que é a *significação* que está sob dependência dos valores, uma vez que sem eles a *significação* não seria possível.

## Trecho 9

O que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam à significação. (p. 165).

Esse é o último trecho em que o termo *significação* aparece nesse capítulo<sup>6</sup>. Ele é apresentado no tópico em que o valor é considerado sob seu aspecto material. O linguista afirma que, do mesmo modo que a parte conceitual do valor é determinada por suas diferenças, a sua parte material também o é. Assim, no trecho retratado, o linguista especifica que as diferenças fônicas levam à significação. Mas para um melhor entendimento dessa ocorrência do termo, valemos do trecho que se segue: “Isso surpreenderá, talvez: mas onde estaria, em verdade, a possibilidade do contrário? Já que não existe imagem vocal que responda melhor que outra àquilo que está incumbida de transmitir” (SAUSSURE, 2009, p. 165). A partir disso, entendemos que o termo *significação* no trecho em análise pode ser tomado como S1, por entendermos que uma imagem acústica se associa a um determinado significado.

## 5 Conclusões

A partir da análise dos trechos em que o termo *significação* aparece, percebemos que há dois usos distintos para esse termo. Desse modo, a *significação* pode entendida, ao longo do capítulo do valor, como a contra parte da imagem auditiva, S1, e também como a relação que ocorre no interior do signo linguístico entre as partes que o constituem, isto é, o significante e o significado, S2.

Ora, temos então duas noções que se apresentam sob a mesma terminologia. Entretanto, a primeira noção, isto é, S1, nos parece mais uma variação terminológica que o termo “significado” sofre ao longo do CLG, que é também compreendido em algumas passagens como “conceito”. Enquanto que S2 instaura uma terminologia para *significação*, que a nosso ver consiste no uso de maior peso, pois nesse ponto da teoria elabora-se uma noção saussuriana, ao mesmo tempo em que a noção de valor é elaborada. Nesse sentido, a *significação* é atribuída à relação que ocorre no interior do signo linguístico, entre o significado e o significante, assim, ela precisa ser distinguida

---

<sup>6</sup> Embora na parte que o signo é considerado em sua totalidade Saussure trata da combinação entre o significado e o significante, entendendo-a como um aspecto positivo e nos remetendo ao S2, nesse trabalho nos atemos apenas às aparições do termo ao longo do capítulo.

da noção de “significado”, uma vez que ela é a relação entre este elemento e outro, não sendo possível conceber uma parte que é um todo ao mesmo tempo. Essa impossibilidade de concebermos a significação como “significado” a um só momento confirma-se pela própria preocupação de Saussure em esclarecer os limites das noções postuladas por ele, como pode ser visto na passagem abaixo:

Propomo-nos a conservar o termo *signo* para designar o total, e a substituir *conceito* e *imagem acústica* respectivamente por *significado* e *significante*; esses dois termos têm a vantagem de assinalar a oposição, que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte (SAUSSURE, 2012, p. 107, grifos do autor).

Assim, consideramos importante uma distinção entre a significação enquanto sinônimo de significado e enquanto componente conceitual que designa a relação entre os conceitos imagem acústica/significante e conceito/significado.

## 6 Referências

- DEPECKER, LOÏC. Compreender Saussure a partir dos manuscritos. Trad. Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- NORMAND, C. Saussure. Trad. Ana de Alencar e Marcelo Diniz. – São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2012.
- SILVEIRA, E. As marcas do movimento de Saussure na fundação da Linguística. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.
- SILVEIRA, E. M. Apresentação - Um século com a teoria do valor: 1909-2009. In: **LETRAS & LETRAS**, V. 25, N. 1, Jan/Jun. 2009 - Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística. Organizada por. Eliana Mara Silveira.
- SILVEIRA, E. M. A teoria do valor no Curso de Linguística Geral. In: **LETRAS & LETRAS**, V. 25, N. 1, Jan/Jun. 2009 - Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística. Organizada por. Eliana Mara Silveira.
- SOFIA, E. Sur le concept de “valeur pure”. In: **LETRAS & LETRAS**, V. 25, N. 1, Jan/Jun. 2009 - Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística. Organizada por. Eliana Mara Silveira.